

ABC DAS MARIAS



Aproximações entre alfabetizar e formar comunidade leitora

Carminha Bandeira e Rogério Bezerra (Org.)

ABC DAS MARIAS

Aproximações entre alfabetizar e formar
comunidade leitora

CARMINHA BANDEIRA E ROGÉRIO BEZERRA (ORG.)

Sumário

Alfabetização e formação de comunidade leitora na biblioteca projeto abc das marias	1
O desejo de aprender a escrever para fazer os livros de receitas.....	4
A surpresa do diagnóstico.....	5
Caminhando com a dupla em estágio pré-silábico.....	7
Acolhida com um bom fundo musical.....	8
Os nexos entre desenho e aprendizado da leitura e da escrita.....	9
As primeiras produções dos desenhos.....	10
As influências implícitas dos nossos referenciais teóricos.....	14
Cantigas de roda e do cancionero popular nas memórias afetivas das marias.....	15
Textos reorganizados e devolvidos para leitura do grupo.....	22
Zuleide de Paula, espelho de escritora para as marias.....	23
As marias lendo o livro de Zuleide de Paula.....	25
As marias escrevendo as apresentações.....	26
Leitura dos textos produzidos por elas.....	27
A evolução dos desenhos a partir do contato com o Livro das Árvores do Povo Ticuna.....	28
A Cumade Fulôzinha representante mor dos seres encantados das matas pernambucanas.....	31
Agora eu quero escrever: Edneuzal!.....	32
Memorial Avani: Presente!.....	35
A caixa de jogos do CEEL.....	37
Preenchendo a carteira de empréstimo da BMN.....	38
O livro: Registro e documentação de um processo de formação de comunidade leitora.....	40
Considerações finais.....	41
ABC das Marias hora do lanche.....	44

FICHA TÉCNICA

Coordenação geral:

Biblioteca Multicultural Nascedouro
Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá

Edição:

Carmen Lúcia Bandeira
Rogério Bezerra da Silva

Texto:

Carmen Lúcia Bandeira

Revisão de Texto:

Aurenice Maria do Nascimento Lima
Marcos Varela

Professora alfabetizadora:

Aurenice Maria do Nascimento Lima

Bolsista extensionista do CEEL/UFPE:

Marcos Varela

Registro em vídeo e fotografia:

Antonio Belmiro de Oliveira (Thor)
Rogério Bezerra da Silva

Organização/montagem

Carmen Lúcia Bandeira
Rogério Bezerra da Silva

Abril 2026



ALFABETIZAÇÃO E FORMAÇÃO DE COMUNIDADE LEITORA NA BIBLIOTECA PROJETO ABC DAS MARIAS

*Quem traz no corpo a marca
Maria, Maria
Mistura a dor e a alegria*

As Marias que deram origem à feitura desse livro fazem parte de um coletivo envolvido no cultivo da Horta Popular Agroecológica Dandara, uma ocupação que se instalou em parte do território do Centro Cultural e Desportivo Nascedouro de Peixinhos, em Recife (<https://share.google/aimode/ifG5deSMHLjoD00PE>).

Este processo aponta para a constituição de uma comunidade de agricultoras urbanas, resultante do aprendizado de cultivar uma horta comunitária, integrando outros processos formativos como é o caso da Escola Marias que deu origem ao projeto ABC das Marias, aproximações entre alfabetizar e formar comunidade leitora, que ocorreu no ambiente da Biblioteca Multicultural Nascedouro - BMN.

Muitas delas respondem pelo nome de Maria, assim como Maria do Carmo Gomes de Santana, Maria José Gonçalves, Maria José da Silva, Sandra Maria Pereira da Silva. Outras se sentem representadas pela simbologia desse nome, como Geni Firmino da Silva, Edneuzza Vicente de Oliveira, Rosemeire Arcanjo da Silva, Simone Silva de Moura, Alexandra Santana de Oliveira, Joselita Francisca Belmiro e seu companheiro Carlos Antonio Diniz, o único homem do grupo. Além de Avani da Conceição Silva que chegou posteriormente e acabou deixando tão cedo o nosso convívio, devido a um lamentável acidente, um incêndio com álcool na cozinha de casa.

Poeticamente todas se percebem refletidas nos versos da canção Maria, Maria, já que este nome tão comum às mulheres é sinônimo de mulher da luta, da labuta. As Marias negras, mestiças, herdeiras da rainha dos quilombos, a guerreira Dandara. Essa força que virou cantiga na voz de Milton Nascimento.

As fotografias a seguir dão o primeiro passo nesse propósito de relatar a experiência que ocorreu no ambiente de uma biblioteca comunitária, sob a coordenação da professora Aurenice, em parceria com a equipe da BMN, representada por Carminha Bandeira, Marcos Varela e Rogério Bezerra.

Fotografia n 1: roda de conversa diante de um *flip shart*, equipamento que pela funcionalidade se tornou grande aliado da BMN no apoio às estratégias de mediações de leitura, que induzem ao aprendizado da escrita.

Fotografia n 2: Aurenice conduzindo mediação de leitura com um livro escrito em alemão. Ela foca na beleza das ilustrações, dando destaque a dimensão estética no aprendizado da leitura. E segue conversando sobre o que o grupo consegue apreender ao observar as imagens e por essa via vão chegando à compreensão do enredo.



Foto 01



Foto 02

O objetivo com a segunda estratégia foi refletir sobre o papel fundamental das imagens no aprendizado da leitura e escrita, de modo que não importa se a história esteja escrita em alemão, ou mesmo em português, quando ainda não se conhece as letras, porque parte dela pode ser compreendida pela linguagem universal do desenho.

O DESEJO DE APRENDER A ESCREVER PARA FAZER OS LIVROS DE RECEITAS

Desde que visitou as mulheres na horta Dandara e ouviu delas que gostariam de saber escrever, para anotarem as receitas que estavam aprendendo no curso de produção de alimentos na Universidade Rural Federal de Pernambuco para fazerem um livro com as próprias receitas, Aurenice tomou a iniciativa de criar esse curso de alfabetização. Junto com a equipe do Centro Sabiá (<https://centrosabia.org.br/>) ela procurou a biblioteca comunitária para saber se era possível usar o espaço para as aulas. A equipe da BMN concordou e falou dos projetos de formar comunidades leitoras com base nas memórias afetivas do bairro, que sempre culminam na produção de um livro, com o registro de cada percurso.

A conversa rendeu uma rica reflexão sobre os nexos entre alfabetizar e formar leitores, resultando nesse combinado de estratégias que ora pende para a alfabetização ora para a mediação de leitura, tendo em vista a ampliação das competências leitoras entre as populações das periferias, que na BMN sempre acontece de forma coletiva, ou em comunidade.

A SURPRESA DO DIAGNÓSTICO

Foi aplicado um diagnóstico para avaliar os níveis de letramento no grupo das onze mulheres que se candidataram ao curso de alfabetização, a maioria na faixa dos 50 anos ou mais, quase todas com histórico de interrupção da trajetória escolar nas séries iniciais, mas à exceção de duas, identificadas no estágio pré-silábico, todas as demais foram consideradas na fase silábico-alfabética.

O diagnóstico foi aplicado por Marcos Varela, estudante de Pedagogia e bolsista extensionista sob a coordenação do CEEL (<https://www.portalceel.com.br/principal/>),

e embora constatando a existência de silábicas e pré-silábicas, o resultado não identificou a heterogeneidade entre as silábicas-alfabéticas, que apresentavam níveis diferenciados de compreensão alfabética, especialmente em relação às competências na produção textual.

Foi estabelecida uma rotina de atividades comuns, com a participação de todas na roda, partindo de conversas, jogos de identificação de palavras, quebra-cabeça de construção de frases e o contato com as letras do alfabeto tridimensional e móvel, buscando um ponto de equilíbrio na diminuição das discrepâncias. Em seguida eram oferecidas atividades nas mesas, separando as pré-silábicas das silábicas-alfabéticas, buscando atender às especificidades.



CAMINHANDO COM A DUPLA EM ESTÁGIO PRÉ-SILÁBICO

Edneuza (Nina) e Geni identificadas como as pré-silábicas, continuavam a conversar nas atividades da mesa, Nina trazendo histórias interessantes do seu gato chamado Menino, o neto chamado Brian e a alegria ao chegar na horta e ver os primeiros cravos amarelos.

As mãos de Nina apresentavam um grau de rigidez que não a ajudava muito a avançar nos exercícios caligráficos, assim começamos a sugerir que ela desenhasse. Geni não tinha dificuldade para desenhar e até de copiar as palavras, porém não conseguia ler o que escrevia, e precisou faltar muito por motivo de saúde, de modo que, Nina praticamente seguiu em atendimento individualizado.

Achamos que o desenho poderia ajudar Nina a desenvolver a coordenação motora e sugerimos que ela começasse movendo as mãos em todas as direções sobre o papel, espalhando raspas de giz de cera, formando manchas de cor que lembrassem a horta, marrom da terra, verde das plantas, vermelho

ou amarelo das flores e frutas. Aos poucos sugerimos que ela pegasse o giz de cera e fizesse traços horizontais e verticais, procurando aproximar do traçado das letras bastão. E com isso, chegamos a obter um certo sucesso, como indicam as fotos a seguir.



Edneza (Nina) tentando escrever seu nome com a letra bastão, depois de ter desenhado a árvore com tronco e a copa.



Nina mostrando desenho com traços verticais e horizontais e movimentos circulares.

ACOLHIDA COM UM BOM FUNDO MUSICAL

Sempre cuidadosa em relação à estética, Aurenice agregou aos livros de imagens um repertório musical muito agradável de ouvir, que impregnava o ambiente com uma energia de leveza e tranquilidade. Os semblantes das Marias mudavam assim que entravam na biblioteca, expressando a satisfação e o conforto por estarem naquele lugar. Os momentos de audição eram alternados com exercícios de leitura das letras das músicas na roda, como o ABC do Sertão e Comadre Sebastiana, que tratam da temática da leitura na realidade rural.

O cartaz com a letra era colocado no flip sharp e ela conduzia a leitura na roda, solicitando que o grupo acompanhasse. A leitura ia se misturando com o ato de cantar sempre que alguém se lembrava da melodia e na sequência, ela acrescentava jogos de caça-palavras no texto. Aurenice sempre aproveitava para fazer as reflexões sobre a ortografia, explicando o que são os dígrafos, os hiatos, chamando atenção para as rimas, os substantivos compostos, as *pegadinhas* do nosso léxico.

OS NEXOS ENTRE DESENHO E APRENDIZADO DA LEITURA E DA ESCRITA

O desenho, como é possível constatar foi um grande aliado desse processo, a partir das respostas de Nina que se tornou um estudo de caso no grupo, devido à característica marcante do seu perfil, a facilidade de se expressar oralmente contrastando com o limite de ordem motora para desenvolver o traço caligráfico. A dificuldade chegava a deixá-la as vezes aborrecida e frustrada, mas nunca desistia das tarefas, e rapidamente se interessou pelo desenho, gostando de brincar com as formas e as cores.

Foi surpreendente o quanto ela conseguiu avançar, embora precise ainda superar outras dificuldades, mas ao avançar na linguagem do desenho percebeu-se que melhorou o traço caligráfico, na apropriação gradativa das letras do alfabeto, no desenvolvimento da consciência fonológica e no reconhecimento de palavras-chaves. As demais colegas começaram a ficar curiosas e demonstraram o desejo de desenhar também e aos poucos o desenho foi incluído na diversificação das estratégias de alfabetização e formação de leitores, que passa pela interação e o diálogo com as múltiplas linguagens.

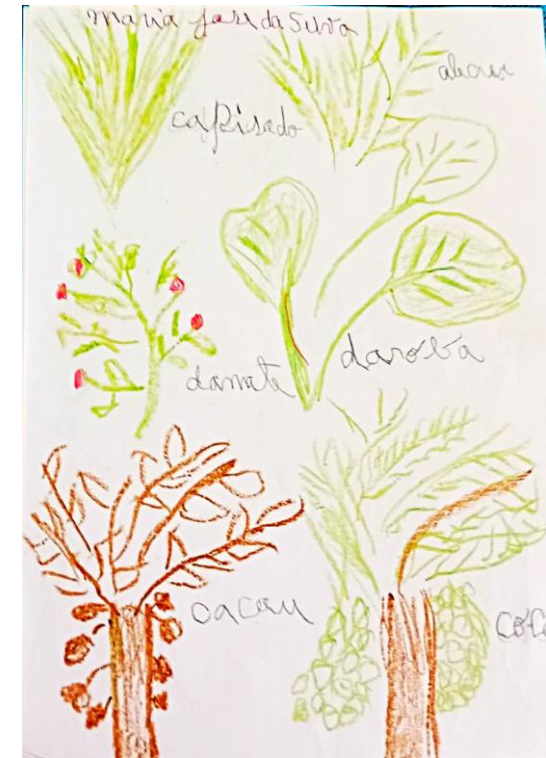
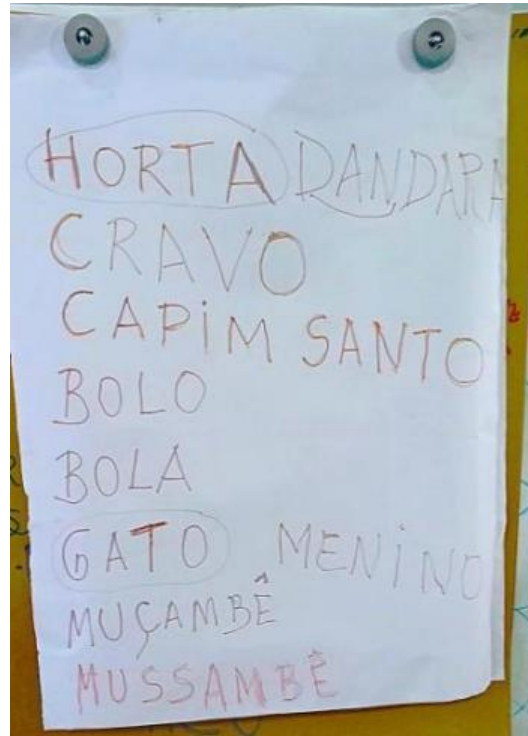
AS PRIMEIRAS PRODUÇÕES DOS DESENHOS

As primeiras produções na linguagem do desenho, como se pode ver, remetem naturalmente ao ambiente da horta. As produções em nível elementar se assemelham aos primeiros desenhos produzidos por crianças. Chama a atenção o impulso natural de escreverem nos desenhos os nomes das plantas, das frutas, das flores, demonstrando o quanto estavam avançando no aprendizado da escrita. Para a equipe as produções demonstraram o quanto através dos desenhos era possível avaliar a aprendizagem, por evidenciarem os *erros* e as dúvidas ortográficas.



Carlos Antonio, desenhando.





Naturalmente elas escreveram acrescentando palavras aos desenhos, sem medo de errar porque no fundo sabiam que estavam chegando mais perto do acerto. E ficavam no aguardo da correção, sempre feita no coletivo, com a ajuda da professora, pois já começavam a entender as *pegadinhas* de nossa gramática. Mamão por exemplo, poderia terminar com u, porque a depender do caso, o som do O se confunde com o som do U, mas isso a gente vai aprendendo, quanto mais se pratica a leitura e a escrita, num ambiente

coletivo, em que o que vale é a confiança e a solidariedade de aprender a ler e a escrever em comunidade.

Além disso, ao brotarem espontaneamente do íntimo de cada uma, impulsionadas pelo ato de desenhar, as palavras são carregadas de significado para o grupo, devendo, portanto, integrar um glossário de palavras-chaves representativas do universo da Horta Dandara.

AS INFLUÊNCIAS IMPLÍCITAS DOS NOSSOS REFERENCIAIS TEÓRICOS

Embora a priori a conduta foi de experimentarmos com certa liberdade, sem definição de uma metodologia fechada, as influências das referências teóricas das duas equipes vão se evidenciando ao longo do relato dessa experiência. Chegamos a conversar de forma genérica durante os planejamentos e mais cuidadosamente durante o primeiro esforço de sistematização, sobre autores que marcaram nossa formação, como Celestin Freinet, especialmente os estudos sobre o Método Natural e o desenvolvimento da língua, do desenho e da escrita; Emília Ferreiro, Ana Teberoski, Artur Moraes e Telma Leal Ferraz,

muito valorizadas pelo grupo do CEEL, Rudolf Steiner criador da Pedagogia Waldorf, que é uma referência importante para Aurenice.

Rogério sempre trouxe à lembrança a autora Michéle Petit e seus estudos sobre bibliotecas nas periferias da França, com populações migrantes, especialmente jovens africanos, latinos, iranianos, e sempre nos reportávamos também a Paulo Freire, especialmente às suas reflexões sobre a importância do ato de ler em que dá destaque ao papel das bibliotecas populares. Ao tempo em que defende a leitura crítica da realidade e a mobilização do coletivo no sentido da transformação social, Paulo Freire fala da importância que a biblioteca popular deve dar à própria composição dos acervos, incentivando o exercício da produção autoral, associada a pesquisa sobre as histórias e reconstituição das memórias das comunidades. Além da referência de Walter Benjamin que especialmente através do texto *O Narrador*, tanto contribuí para o aprofundamento da reflexão sobre as memórias afetivas na formação das comunidades leitoras.

CANTIGAS DE RODA E DO CANCIONEIRO POPULAR NAS MEMÓRIAS AFETIVAS DAS MARIAS

Como se sabe, o cultivo da linguagem musical é um princípio das práticas de leitura na BMN, já que a própria história de sua fundação é marcada pela participação de jovens músicos ligados às bandas de Rock (<https://movimentobocalixo.wordpress.com/boca-do-lixo/>) que se aliaram aos poetas, escritores, educadores sociais para criarem a biblioteca comunitária, vindo daí a denominação Biblioteca Multicultural Nascedouro. Entre as memórias que são constantemente reverenciadas se inclui o mestre Bezerra do Sax, que viveu até a idade dos noventa anos sem deixar de tocar seu instrumento e participar das orquestras tendo sido morador do bairro de Peixinhos. Ele deixou um legado de composições de cirandas, entre outros ritmos, inclusive a Ciranda O Passarinho, que foi interpretada por Lia de Itamaracá, lida e cantada nas rodas com as Marias.

A história do mestre Bezerra foi compartilhada no grupo das Marias através da leitura do livro *Era uma vez Bezerra do Sax*, que foi organizado pela equipe da BMN, com destaque para o repertório, combinando, como de praxe, os atos

de cantar e analisar a letra da música, observando a estrutura do texto e identificando as palavras-chaves.

O mesmo procedimento se aplica à história do Boi Menino, que desdobrou na criação do Boizinho Menino do Nascedouro, associada ao bumba meu boi, que envolve situações diversas de leitura em diálogo e integração com as diversas linguagens, inclusive a reescrita da história pelas crianças e oficina de escrita criativa na produção de loas com a participação de músicos arte-educadores, incentivando a produção autoral nas linguagens musical e literárias.



As Maria em atividade de desenho confeccionando as capas dos livros



As Marias em produção escrita

O contato constante das Marias com a linguagem musical dialogando com a literatura e em interação com o desenho, fez emergir um face das memórias afetivas do grupo, um repertório de músicas antigas do cancioneiro popular brasileiro. Primeiro foi o relato de Sandra Maria quando se deparou, na leitura em roda, com os versos da cantiga Alecrim Dourado num livro de literatura. Ela se lembrou que a mãe sempre que voltava do trabalho costumava cantar essa cantiga para fazê-la dormir, junto com o irmãozinho.

A mãe era empregada doméstica, voltava à tardinha do trabalho, mas estava sempre disposta a cantar para fazer os filhos dormirem e assim deixou para ambos um legado de cantigas de roda e de ninar, que inclui *Alecrim Dourado* e *Nessa rua tem um bosque*, as quais outras pessoas do grupo se lembraram. Sandra contou que a mãe fez a iniciação dela e do irmão no aprendizado das letras e chegou a relatar isso por escrito.

Descreva em cinco linhas uma lembrança marcante de alguém cantando ou contando história pra você quando você era pequena.

minha mãe cantava história para
eu e meu irmão do nome e brincava
com eu e ele Ela também cantava
para nós dois e inclinava a agente
for e esbratar

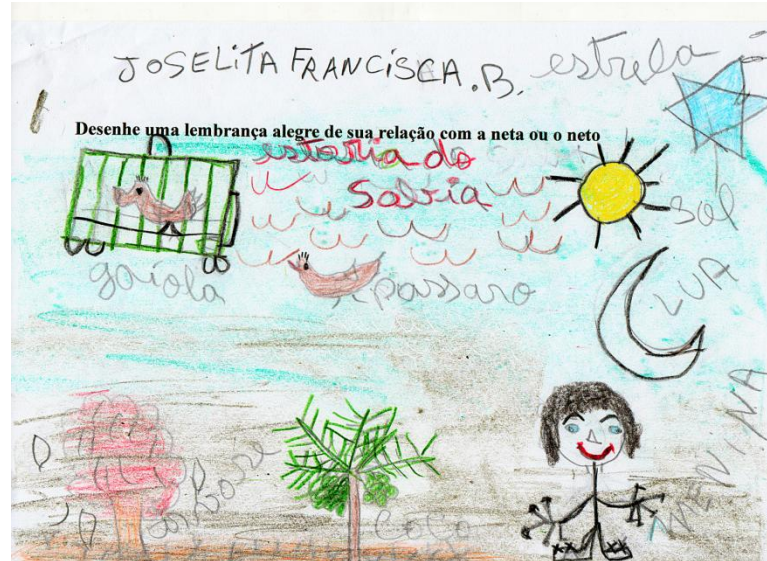
Sandra Maria, mostrando seu desenho com registro de palavras.



Depois de Sandra Maria, Joselita também se lembrou da cantiga *Sabiá lá na Gaiola*, que aprendeu a cantar com tio Josias, um irmão da mãe dela.

Descreva em cinco linhas uma lembrança marcante de alguém cantando ou contando história pra você quando você era pequena.

eu lembro da minha mãe cantando
a música Sabria
sabria lá na gaiola fez um
brunquinho na gaiola
vau vau vau



E Nina, se lembrou de *Roendo Unha*, que a fazia lembrar um namorado, que foi embora e a deixou, e nunca mais mandou notícias, mas isso ela relatou e não escreveu, porém cantou a música por inteiro.

Sandra e Joselita escreveram parte de suas lembranças por escrito a partir de um roteiro com perguntas diretas que elas precisavam responder elaborando o próprio texto. As produções foram relidas e organizadas em material de leitura para o encontro seguinte. Em paralelo, montamos o painel do repertório do cancionário popular brasileiro que ficou guardado nas memórias afetivas do grupo das Marias.

Nesta Rua tem um Bosque

Nesta rua, nesta rua tem um bosque
Que se chama, que se chama solidão
Dentro dele, dentro dele tem um anjo
Que roubou, que roubou meu coração

Se roubei, se roubei seu coração
Tú roubaste, tú roubaste o meu também
Se roubei, se roubei teu coração
É porque, é porque te quero bem

Sabiá Lá na Gaiola

Sabiá lá na gaiola
Fez um buraquinho
Voou, voou, voou, voou
E a menina que gostava
Tanto do bichinho
Chorou, chorou, chorou, chorou

Sabiá fugiu pro terreiro
Foi cantar no abacateiro
E menina vive a chamar
Vem cá Sabiá, vem cá

A menina diz soluçando
Sabiá estou te esperando
Sabiá responde de lá
Não chores que eu vou voltar

(Herver Cordovil / Mário Vieira)

Roendo Unha

Quando Vinvim cantou
Corri pra ver você
Atrás da serra o Sol
Estava pra se esconder

Quando você partiu
Eu não esqueço mais
Meu coração amor
Partiu atrás

Vivo com os olhos na ladeira
Quando vejo uma poeira
Penso logo que é você

Vivo de orelha levantada
Para o lado da estrada
Que atravessa o Muçambê

Olha já estou roendo unha
A saudade é testemunha
Do que agora vou dizer

Quando na janela
Eu me debruço
O meu cantar é um soluço
A galopar no massapê

(Luiz Gonzaga/ Luiz Ramalho)

Alecrim Dourado

Alecrim, alecrim dourado
Que nasceu no mato
Sem ser semeado

Alecrim, alecrim dourado
Que nasceu no mato
Sem ser semeado

Foi meu amor
Que me disse assim
Que a flor do campo
É o Alecrim

Foi meu amor
Que me disse assim
Que a flor do campo
É o Alecrim

EXEMPLOS DOS TEXTOS REORGANIZADOS E DEVOLVIDOS PARA LEITURA DO GRUPO

Idalino era o meu pai adotivo. Ele vendia jornal, era gazeteiro. Eu também vendia jornal pra ajudar o meu pai, que tinha uma banca e separava alguns jornais para eu vender perto da banca.

Meu pai era de um Centro Espírita, Centro Espiritual João Batista, era da mesa branca. Ele recebia duas entidades crianças, Rosinha e Sivani, duas caboclinhas. Rosinha quando chegava gostava de comer rosas vermelhas. Eu sei de muitas histórias, viu?

Maria José Gonçalves

Tarefa 2 : praticando a escrita

NOME:

Carlos Antonio Diniz

EU GOSTO DE PLANTAR NA HORTA DANDARA.

MA-CAXEI RA-BATATA

LÁ TEM PÉ DE CACAU, PÉ DE MAMÃO E TEM REGADOR.

LÁ TEM PÉ DE CACAU. PÉ DE MAMÃO E TEM REGADOR

É TEM ESTAS OUTRAS PLANTAS TAMBÉM.

NO DIA 02 DE SETEMBRO DE 1975, TENHO UM FILHO, O NOME DELE É TIAGO. TENHO TAMBÉM UM NETO E UMA NETA. MINHA VIZINHA CONTAVA A HISTÓRIA DA CUMADE FULÔZINHA. ELA DEU UMA CARREIRA NA VIZINHA. ESSA HISTÓRIA É DE MENTIRA? OU É VERDADE?

Palavras de Carlos

MENINO
LUA
SOL

Simone Silva de Moura

EU GOSTO DE PLANTAR NA HORTA DANDARA, LÁ TEM PÉ DE CACAU, MAMÃO E TEM REGADOR.

EU LEMBRO DE QUANDO MINHA AVÓ CONTAVA HISTÓRIAS PARA MIM EU GOSTAVA MUITO DE OUVIR AS HISTÓRIAS DELA, ERAM MUITO LINDAS! MINHA VÓ CONTAVA A HISTÓRIA DA CUMADE FULÔZINHA.

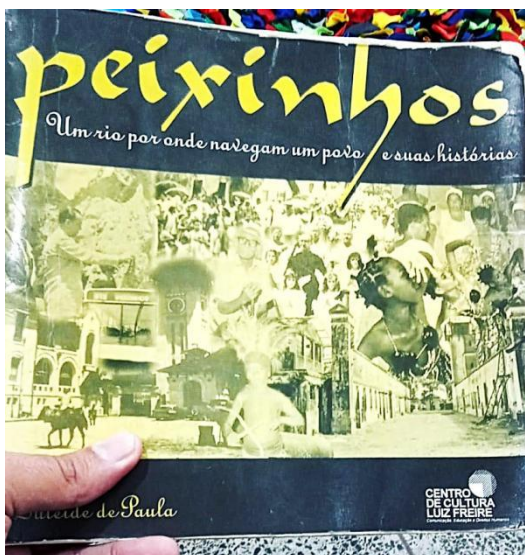
Palavras de Simone

MINHA VÓ
SOL
URUCUM

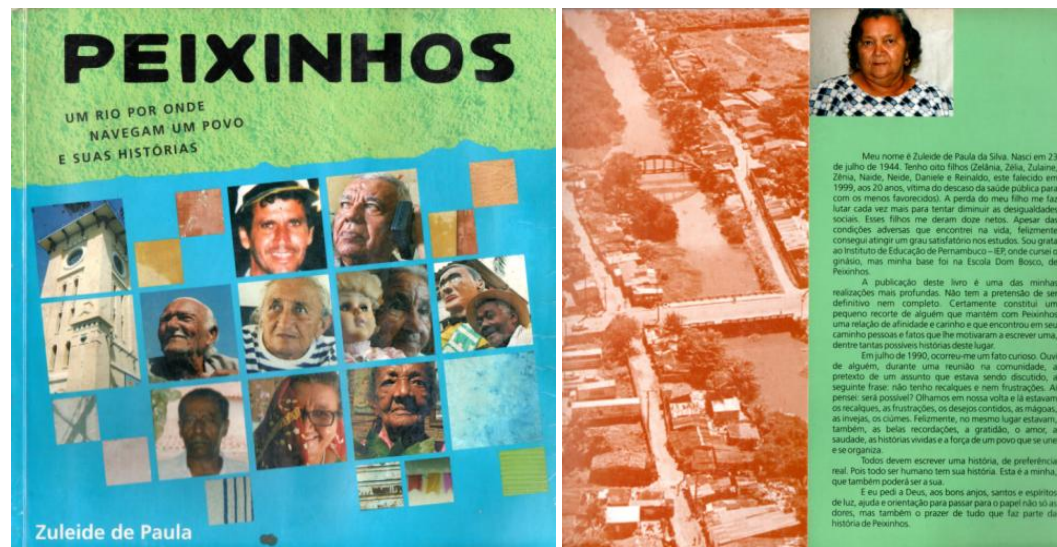
ZULEIDE DE PAULA, ESPELHO DE ESCRITORA PARA AS MARIAS

Atualmente com a idade de 80 anos, Zuleide de Paula, educadora social de Peixinhos que fez parte da equipe de fundadoras do Grupo Comunidade Assumindo suas Crianças - GCASC, resolveu escrever sobre suas memórias afetivas da relação com o bairro de Peixinhos. Quando tinha a idade de 50 anos ela lançou o livro *Peixinhos um rio por onde navegam um povo e suas histórias, que faz parte do acervo da BMN e é sempre utilizado nas estratégias de leitura como exemplo de valorização da produção autoral local e de como escrever com base nas memórias afetivas da comunidade.*

Zuleide concluiu o ensino Fundamental e conta que passou muito tempo anotando suas lembranças e pesquisando sobre as histórias da comunidade, até que resolveu pedir apoio para organizar e editar o seu livro, com a aceitação, principalmente na comunidade. Embora não conste a data da primeira edição, lembramos que o lançamento foi realizado no ano 2000, e não demorou para que fosse esgotado. No ano de 2009 foi contemplado com uma segunda edição, conforme se pode ver nas duas fotos.



1ª edição publicada pelo Centro de Cultura Luiz Freire - CCLF, sem data.



2ª edição publicada pela Edições Margis, 2009.

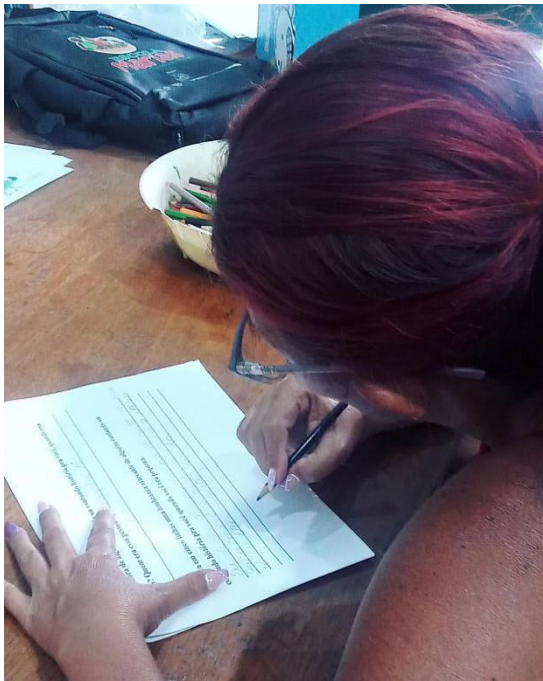
Exemplares das duas edições foram apresentados às Marias, sendo realizada a leitura transversal, priorizando as fotos e a escrita das apresentações, para se adequar ao pouco tempo. Seguindo o exemplo da autora, conforme o texto da orelha, elas foram orientadas a escreverem um texto de apresentação e no encontro seguinte puderam fazer a leitura de suas produções, que passaram pela revisão e foram reeditadas.

AS MARIAS LENDO O LIVRO DE ZULEIDE DE PAULA



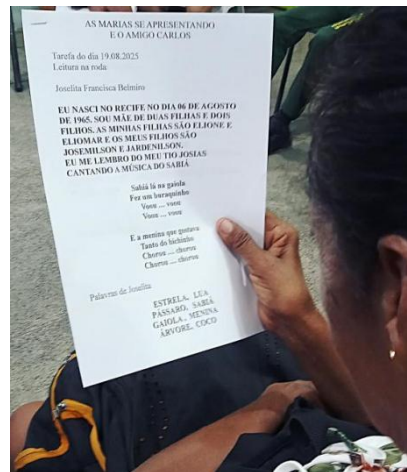
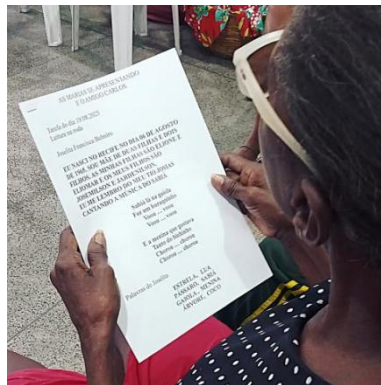
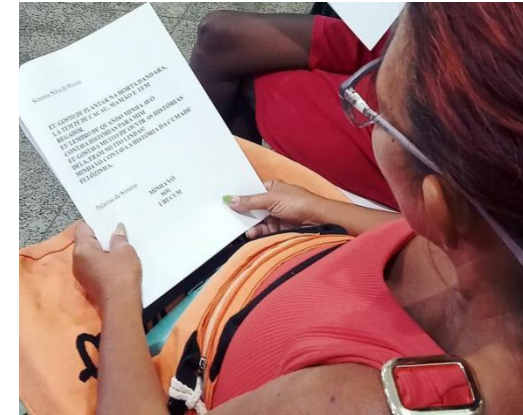
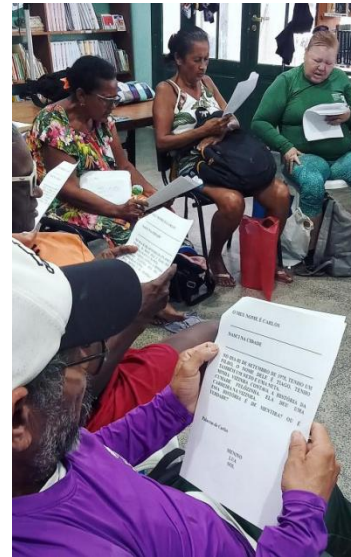
Leitura da apresentação de Zuleide de Paula no livro: *Peixinhos um rio por onde navegam um povo e suas histórias*.

AS MARIAS ESCREVENDO AS APRESENTAÇÕES

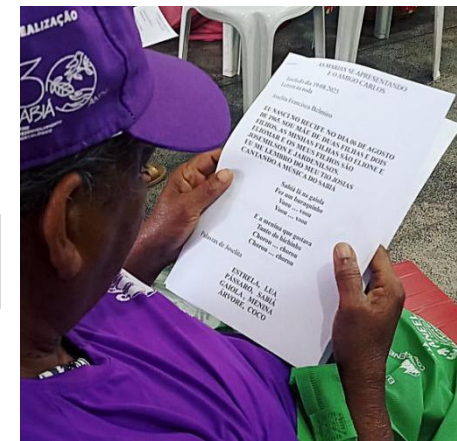


LEITURA DOS TEXTOS PRODUZIDOS POR ELAS

Na etapa seguinte as Marias receberam os textos revistos e reeditados e ao começarem a ler, deixaram transparecer o entusiasmo ao se reconhecerem nas histórias. Era grande a satisfação expressa nos rostos e olhares ao tomarem nas mãos os textos, passando a compartilhar na roda a leitura em voz alta das próprias apresentações.



Compartilhando a leitura dos textos das apresentações.

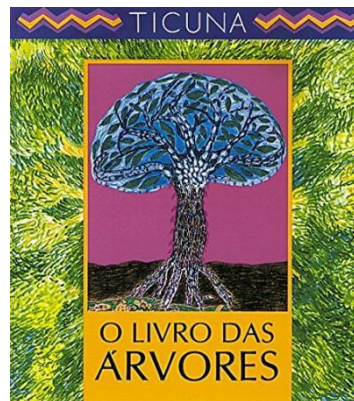
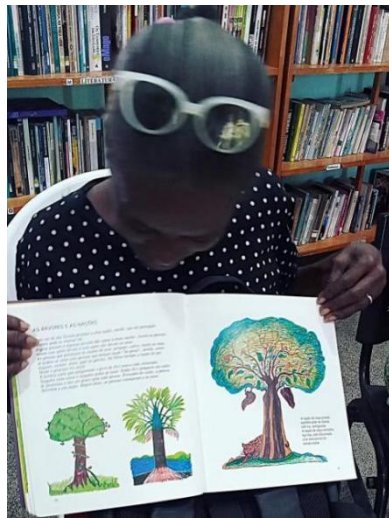


A EVOLUÇÃO DOS DESENHOS A PARTIR DO CONTATO COM O LIVRO DAS ÁRVORES DO POVO TICUNA

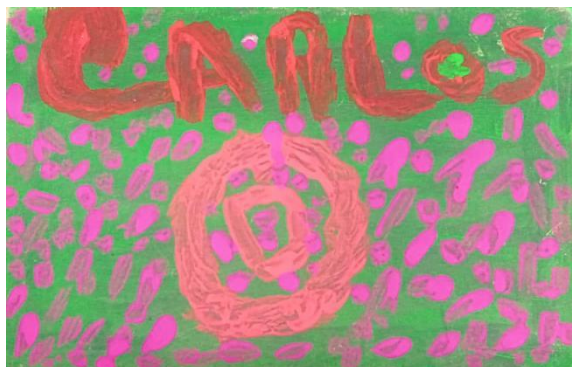
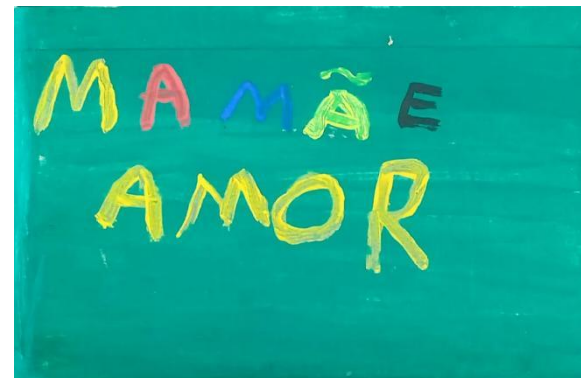
Observou-se uma evolução sensível na produção dos desenhos do grupo a partir do contato com o Livro das árvores do Povo Ticuna, indígenas que vivem na mata amazônica, às margens do Rio Solimões. Um grupo de professores participou de um processo formativo de leitura de sua realidade, focado na reconstituição das memórias das árvores para sua cultura.

A proposta partiu do entendimento de que as árvores tiveram papel fundamental na formação da identidade dos Ticunas, pois os ancestrais atribuíam a elas a origem de todas as coisas. Essas lembranças estavam começando a ser esquecidas pelas novas gerações e assim foi realizada a pesquisa de forma colaborativa com os professores indígenas, com propósito de reconstituir as memórias das árvores. O resultado é uma riqueza de histórias de onde ressurgem as entidades das matas, a força das plantas, a partir das tantas aulas ao ar livre, em profunda imersão na natureza.

Os desenhos dos professores indígenas, que serviram de ilustração para o livro, como se pode ver, foi muito valorizado naquele processo formativo e ao serem compartilhados na roda de leitura contribuiu com a força e beleza da expressividade para o aprimoramento dos desenhos das Marias.



Depois dessa experiência, o grupo que até então só tinha desenhado com giz de cera e lápis de cor, passou a utilizar pincéis e tintas de artesanato, com a intenção de produzir individualmente as capas de seus exemplares.



A CUMADE FULÔZINHA REPRESENTANTE MOR DOS SERES ENCANTADOS DAS MATAS PERNAMBUCANAS

A Cumade Fulôzinha, esse ser imaginário das matas pernambucanas, passou a ser centro dos relatos à medida que surgiram os seres encantados da mata amazônica. Impressionou a intimidade das pessoas do grupo com esse ser encantado. Tanto para Nina como para Carlos a convivência com ela é muito real. Enquanto Nina afirma que foi aprisionada na mata por essa entidade por ter levado uma panelinha de mingau com uma pitada de sal, Carlos, relatou o caso de um amigo que levou uma pisa de cinto da Cumade porque cometeu um ato de agressão à mata. Para Carlos é muito estranho que a equipe se refira à Cumade Fulôzinha como um ser fictício. Depois de relatar o ocorrido com seu amigo, ele perguntou com ar intrigado: Mas isso será uma história?

AGORA EU QUERO ESCREVER: EDNEUZA!

O desenho de Edneuzza, Nina, deu salto surpreendente a partir de sua observação dos desenhos do Livro das Árvores do Povo Ticuna, como é o exemplo dessa representação expressiva da Cumade Fulôzinha, destinado à capa do seu livro, especialmente quando se compara aos seus primeiros desenhos.

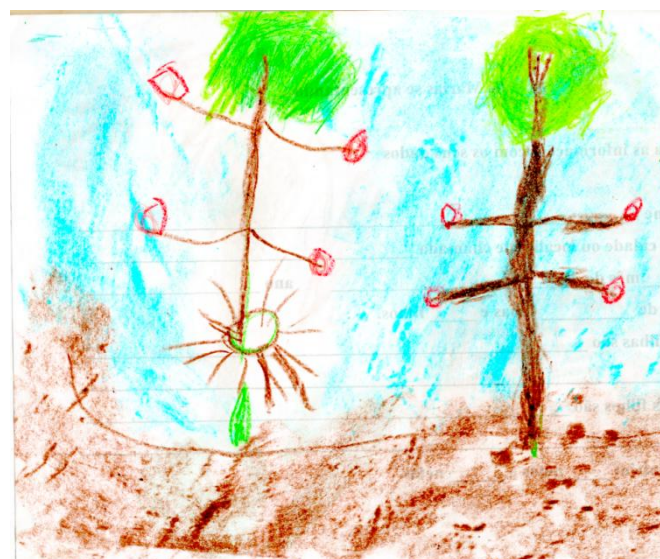


Ela também sentiu vontade de escrever as letras no desenho, assim como as outras sentiram desejo de escreverem as palavras. E foi incisiva quando disse

que não queria mais assinar como Nina, agora queria escrever EDNEUZA em seus trabalhos. Tentou e chegou perto de acertar, aprendendo que tem o E, depois o D, sendo o mais importante nesse desenho observar como ela conseguiu representar várias letras aparentemente soltas e isoladas, avançando na coordenação motora dos movimentos finos. Ela tentou com o pincel e no outro desenho com o dedo algumas letras que ela sabia que eram parte do seu nome.

Os outros desenhos permitem mostrar como ela conseguiu avançar nas formas, fazendo um quadrado, um pequeno círculo, e vários traços saindo do sol como se fossem raios. As árvores começam a ficar com contornos mais definidos, como os troncos, os galhos, as copas e até frutos, a partir da delimitação da base.

Edneuza, que foi diagnosticada no estágio pré-silábico, experimentando diferentes estratégias caligráficas de escrever o nome, exercitar os traços das letras e do desenho



Dona Zeza, que no início era tímida e discreta, aos poucos foi se distinguindo no grupo pela assiduidade e interesse que demonstrava por cada atividade. Começando pela escolha do livro na estante e a alegria de saber que podia levar emprestado. Um dos primeiros livros que selecionou na estante foi *Capoeira* e quando devolveu, apresentou um resumo do que leu para o grupo.

Maria José, Zeza, assídua, participativa e fluente nas expressões do desenho e da escrita.



Ela não teve reserva ao relatar no grupo a forma dramática como perdeu a mãe na infância, vítima de feminicídio por parte do pai, e depois disso foi morar com um casal que a adotou, ela se lembra dos dois com muito carinho, conforme já relatou na página 22. Zeza foi uma das que mais se empenharam na escrita de sua história e várias vezes afirmou que quer dar continuidade para transformar sua história num livro. E fala com muito carinho do pai e da

mãe de coração que a ensinaram a trabalhar vendendo jornais e a levaram para as sessões no centro espírita.

UMA PAUSA EM MEMÓRIA DA COLEGA AVANI QUE NOS DEIXOU DE FORMA TRISTE E INESPERADA

Um acontecimento muito triste que marcou essa vivência foi o acidente que tirou do nosso convívio a colega Avani da Conceição Silva. Ela perdeu a vida após sofrer queimaduras decorrentes de uma explosão com uma garrafa de álcool. Faremos aqui uma pausa em memória da amiga cuja lembrança ficará gravada eternamente nos corações de cada pessoa do grupo que deixou registrado o adeus a Avani na primeira aula após a sua partida.

MEMORIAL AVANI: PRESENTE!





Grupo escrevendo mensagens de Adeus a Avani que faleceu na madrugada de 01 de agosto 2025.



Na parte superior da foto à esquerda de vestido verde estampado - Avani da Conceição em atividade de leitura com jogos.

A CAIXA DE JOGOS DO CEEL

Aurenice tomou conhecimento da caixa de jogos do CEEL que é referência importante na área da alfabetização. A biblioteca adquiriu um exemplar da caixa de jogos, sendo o material bastante utilizado nas duas mesas.



Aurenice conduzindo atividades de leitura e escrita utilizando a Caixa de Jogos do Centro de Estudos em Educação e Linguagem – CEEL/UFPE. Na segunda foto contando com a colaboração de Marcos Varela, bolsista do CEEL na BMN

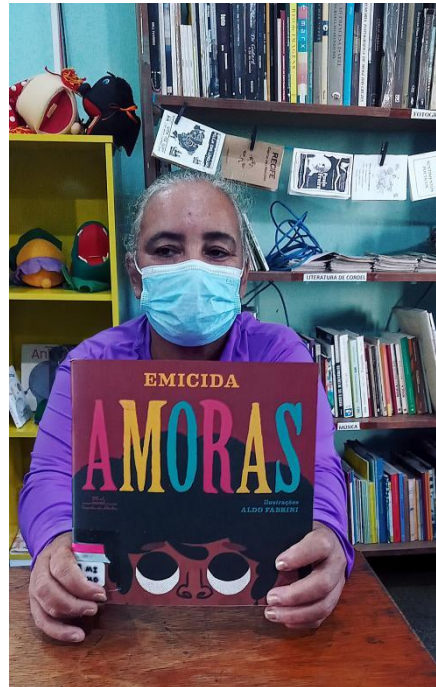
Os jogos, como mais uma atividade lúdica, se somaram à leitura dos livros de literatura infantil e juvenil, às cantigas de roda, de ninar, de dançar o coco, as cirandas, a brincadeira do bumba-meu-boi.

Fazendo a retrospectiva, podemos enxergar melhor o papel da biblioteca comunitária, que sem pretender assumir o papel da escola no processo de alfabetizar ou ensinar a ler e escrever, ajuda a reconectar processos interrompidos do aprendizado da leitura e da escrita, pela via da cultura e da interação entre as múltiplas linguagens; com leveza, no tempo de cada uma, sem as exigências formais do currículo.

PREENCHENDO A CARTEIRA DE EMPRÉSTIMO DA BMN

Cada Maria se sentiu valorizada e importante na hora de preencher a ficha de inscrição como frequentadoras e de levarem os livros emprestados para casa, para lerem sozinhas ou compartilharem a leitura com os companheiros os netos, as netas. Na hora de devolver, exercitaram o aprendizado da comunicação e da síntese.





O LIVRO: REGISTRO E DOCUMENTAÇÃO DE UM PROCESSO DE FORMAÇÃO DE COMUNIDADE LEITORA

Como já foi mencionado, é uma praxe na prática da BMN contar a história de cada projeto de formação de comunidades leitoras através de um livro produzido de forma compartilhada, resgatando o passo a passo de cada processo e se apropriando coletivamente do aprendizado da documentação e do registro.

Todas as pessoas envolvidas participam de formas diferenciadas, desde a equipe de mediadores com o cuidado de planejar, registrar através de fotografias, vídeos e anotações e relatos, até a comunidade em formação que gerando os conteúdos de leitura com seus relatos de memórias, seus desenhos e suas produções textuais, no final todos se envolvem no processo da confecção das capas.

Nesse caso o livro pretendeu documentar o processo formativo do ABC das Marias que aconteceu entre março e outubro de 2025 na Biblioteca

Multicultural Nascedouro. O processo teve a duração de 60 horas, que foram distribuídas em encontros semanais de 2 horas.

Ele relata o encontro das duas iniciativas resultantes de ocupações do Complexo do antigo matadouro de Peixinhos, a demanda das agricultoras urbanas de avançarem em seu processo de alfabetização e letramento, em plena sintonia com o propósito da biblioteca comunitária de favorecer o acesso à literatura através de incentivo à formação de comunidades leitoras.

As duas equipes entenderam que era uma excelente oportunidade de aprofundamento da reflexão sobre as aproximações e distinções entre alfabetizar e formar comunidades leitoras. E os resultados estão ao longo desses registros organizados na forma desse livro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O encontro das experiências ABC das Marias e a Biblioteca Nascedouro nos permitiu chegar às seguintes considerações finais:

Em primeiro lugar, contribuiu para tornar ainda mais clara a natureza da biblioteca comunitária como um espaço conquistado na periferia que permite o acesso a literatura seja através dos empréstimos de livros, seja através de rodas de leitura e projetos estruturados em parceria com as escolas, que colaboram para o desenvolvimento da alfabetização e do letramento literário.

Ficou bem evidente que a biblioteca se distingue da escola em sua missão de alfabetizar e transmitir os conhecimentos didáticos conforme as normas desta instituição, no entanto, a biblioteca cumpre um papel de colaboradora privilegiada da escola, no sentido de aproximar a comunidade dos livros, através de estratégias lúdicas de interação entre a literatura e as diferentes formas de linguagem.

A biblioteca comunitária tem liberdade de atuar também em parceria com outras entidades congêneres, como foi o caso da horta Dandara e o projeto ABC das Marias, do Centro Sabiá e nesse sentido, ajudou a reconectar tantos processos interrompidos de escolarização, especialmente com esse coletivo de perfil majoritariamente feminino, formado por moradoras das periferias com mais de 50 anos de idade.

A biblioteca no caso desse projeto pode se abrir para oferecer acolhimento às mulheres mais velhas, servindo de espaço de convivência, conversas, trocas de experiências, podendo se expressar em diferentes linguagens.

Em segundo lugar, a experiência permitiu aprofundar a reflexão sobre o próprio conceito de comunidade leitora, que no caso do ABC das Marias aponta para a categoria emergente de agricultoras urbanas, atividade produtiva em perspectiva, que traz no seu bojo muitos desafios de afirmação, reconhecimento social e sustentabilidade, podendo impactar inclusive a organização do mundo do trabalho, com a atividade produtiva de mulheres em processo de envelhecimento.

Em terceiro lugar, a experiência ajudou a consolidar a própria prática da confecção do livro no final de cada projeto vivido na biblioteca, representando um esforço da equipe, de produzir em tempo real o processo de registro e documentação, no formato de livro artesanal, refletindo toda a trajetória da experiência, passando a compor o acervo da biblioteca como exemplo de

escrevivência, ou seja, documentação ao vivo das práticas e produção de memória.

ABC DAS MARIAS HORA DO LANCHE



Da esquerda para a direita conforme a lista ao la

Rogério Bezerra (equipe biblioteca)
Nalva Varela (horta Dandara)
Gabriel Hirata de Lima (Centro Sabiá)
Sandra Maria Pereira da Silva
Geni Firmino da Silva
Caminha Bandeira (equipe biblioteca)
Aurenice Maria do Nascimento Lima (Alfabetizadora)
Avani da Conceição Silva (em memória)
Simone Silva de Moura
Sandra Maria de Santana (horta Dandara)
Maria José Gonçalves

